

A LITERATURA SURDA À LUZ DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Claudete Marques das Neves

Resumo: Este artigo apresenta a afinidade da Literatura Surda com a Estética da Recepção. O papel estético vinculado a papel social das produções literárias por (para) surdos. A comunidade surda na busca por sua identidade cultural com uma produção literária específica, denominada: literatura surda. Identificando na Estética da Recepção elementos que favorecem a análise das produções literárias por e para a comunidade surda.

Palavras-chave: Literatura surda. Estética da Recepção.

Apresentação

A quem diga logo de início: o quê? Literatura surda? Isso é existe?! Bem, esse artigo não tem a presunção de responder essa pergunta com muita profundidade, até mesmo porque seu objetivo é outro: mostrar que dentre as teorias literária, a Estética da Recepção tem em sua proposta uma afinidade com as produções da Literatura Surda. Trata-se de uma Literatura de e para surdo, compreendida com sua função poética e social. Para tanto, apresento, mesmo que brevemente, a literatura surda e suas nuances, um panorama da Estética da Recepção e por fim a relação de afinidade entre uma e outra.

1 Literatura surda: o que, como e o porquê.

O que é Literatura Surda? Segundo Karnopp (2010) é a produção de textos literários em sinais. Ou seja, produção literária em língua de sinais. Isso significa que é uma produção de uma comunidade específica, neste caso, a surda. Se compararmos com a produção da comunidade ouvinte, majoritária, teremos um grande disparate. Seja na produção, seja na disseminação, seja no consumo, seja em estudos acadêmicos. É evidente que a literatura dos ouvintes é superior, nos quesitos outrora mencionados, ao comparamos com a literatura surda. Uma possível explicação seria pelo seu pouco tempo de existência ou talvez até ainda pela luta por reconhecimento. Por se tratar de uma expressão artística da comunidade surda,

comunidade essa marcada há séculos segregação e pelo preconceito, a Literatura Surda também tem a mesma luta, ou melhor dizendo, enfrenta os mesmos desafios: inclusão e reconhecimento. E aqui abrimos um parêntese sobre essa comunidade.

A comunidade surda é formada por surdos e “simpatizantes” (amigos e familiares de surdos) que tem como característica principal o uso da Língua de Sinais. A legislação brasileira atual proporcionou o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Araujo (2013, p.32) define assim: “A LIBRAS é uma língua de modalidade visual-espacial, com estrutura gramatical própria.” E, acrescenta: “(...) é possível perceber a arte que emana das imagens e recursos visuais nas produções poéticas em língua de sinais” (p.33). O que isso significa? Significa a tomada da Identidade e da Cultura Surda, a busca pelo reconhecimento e valorização. Através desse reconhecimento existe um desencadeamento de posturas e possibilidades que o cidadão surdo tem acesso garantido. Verificamos isso quando KARNOPP (2009) relata que:

No Brasil, através da articulação política da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), ocorreu a oficialização da Libras, conforme consta na Lei Federal 10.436 (24/04/2002). Posteriormente, foi publicado, no Diário Oficial, o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei n. 10.436, e o art. 18 da Lei n. 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Neste sentido, podemos perceber mudanças significativas nas leis e na visibilidade das articulações do movimento surdo com as instâncias governamentais. O Decreto trata, entre outros temas:

- da inclusão da LIBRAS como disciplina curricular;
 - da formação do professor de LIBRAS e do instrutor de LIBRAS;
 - do uso e da difusão da LIBRAS e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação;
 - da formação do tradutor e intérprete de LIBRAS-língua portuguesa;
 - da garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva.
- (p.158)

É bom lembrar, a pessoa surda durante muito tempo sofreu (e ainda sofre) discriminação por ser diferente. É bom lembrar que a educação dessas pessoas teve algumas filosofias educacionais que ora negavam sua diferença, o oralismo; ora, subestimavam seu potencial, a comunicação total. Atualmente, a filosofia educacional abraçada pela comunidade surda em geral é o bilinguismo. O Bilinguismo tem, segundo Batista dos Santos (2010),

(...) como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua a língua oficial de seu país. (...) Para os bilinguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo aceitar e assumir sua surdez. O conceito mais importante que essa filosofia traz é a de que os surdos formam uma comunidade com cultura e língua próprias. A noção de que o

surdo deve, a todo custo tentar aprender a modalidade oral da língua para poder se aproximar o máximo possível do padrão de normalidade é rejeitada por esta filosofia. (p.3)

Aqui no Brasil, o Bilinguismo é o uso da LIBRAS como língua primeira e materna e a Língua Portuguesa com segunda língua. Nesse prisma, ocorre uma mudança considerável, que nos leva a entender que reconhecendo a língua “oficial” do surdo é que podemos pensar em uma Literatura Surda.

A LIBRAS é a comunicação oficial da pessoa surda e também dos ouvintes que atuam no meio da comunidade surda. Seus padrões linguísticos são assimilados comumente como os da língua portuguesa, ou seja, na escola. Nota-se que o período de reconhecimento é bem recente, assim como recente é a produção de literatura surda no Brasil e os estudos nessa área. Mesmo sendo recente, existem alguns importantes expoentes sobre o tema que aqui relaciono: Poeta surdo brasileiro: Nelson Pimenta; Escritora, pesquisadora e poeta surda: Shirley Vilhalva; Poeta e professor surdo: Rimar R. Segala, o grupo Art&Performance de Porto Velho/RO, premiado pela sua atuação mista de teatro-poesia-musica. Entretanto, destaco em especial a pessoa surda que sempre servirá de inspiração para produções literárias surdas: a poetisa surda britânica, Dorothy Miles (Dot). No que diz respeito a estudo na área, destaco a professora pesquisadora ouvintes: Dr^a. Lodenir Karnopp, bem como a Dr^a. Ronice Quadros.

A Literatura Surda tanto se configura com as adaptações de clássico da literatura universal, como por exemplo, a Cinderela Surda, Chapeuzinho Vermelho Surdo; como em produções genuínas de autores surdos, como por exemplo: o poema “Despertar do Silêncio”, Shirley Vilhalva. Karnopp (2009) contextualiza sobre a produção de Literatura Surda assim:

A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda, contada na língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais. O material, em geral, reconta a experiência das pessoas surdas, no que diz respeito, direta ou indiretamente, à relação entre as pessoas surdas e ouvintes, que são narradas como relações conflituosas, benevolentes, de aceitação ou de opressão do surdo. (p.171)

É evidente que a produção literária surda de fato pode ter uma demanda maior do que está registrado, pois seu registro dependente das tecnologias desenvolvidas recentemente. Interessante esclarecer que se as obras clássicas têm o recurso da escrita em uma língua, isto é, seu registro garantido, o mesmo não acontece com as produções em LIBRAS. As inovações tecnológicas recentes permitem a possibilidade de registro e compartilhamento de vídeos com

as produções literárias em língua de sinais. Ressaltamos que as pesquisas sobre o assunto mencionam que a Literatura Surda é algo recente. Talvez pelo fato não da produção literária em língua de sinais anteriores, mas pelo fato de que, agora, com a tecnológica, existe a condição de registro. Estudos acadêmicos estão utilizando esses artefatos para produzir material científico, para análise ou catalogações. Importante dizer que existem poucos materiais bibliográficos para esse tipo de assunto, o que temos são poucos livros e algumas monográficas ou teses que desafiam e inovam. Destaco aqui, editora Arara Azul, um marco editorial em publicações sobre a identidade e cultura surda.

Em meios às produções da Literatura Surda, algo bastante evidente é o papel social imerso no papel poético. Vamos falar do empoderamento. Geralmente o eu-lírico dessas produções extravasam seus sonhos e desejos de reconhecimento e valorização que no mundo real, muitas vezes, lhe são negados. Verificamos isso, quando Quadros & Sutton-Spence (2006) diz:

(...) as pessoas surdas aprenderam umas com as outras e começaram a explorar o potencial de suas próprias línguas de sinais como um meio de produção artística. Nesse contexto sócio-histórico, cultural e político, toda produção poética na língua de sinais apresenta repercussões no empoderamento do povo surdo e é uma expressão implícita do seu orgulho na sua língua (p. 116).

Nesse viés é que compreendemos o papel da arte utilizado pela comunidade surda. A Literatura Surda se torna representação de uma identidade que se intensifica à medida que se propaga na sua cultura. Importante tecermos um pouco sobre essa cultura surda. Para Miranda (2010, p.10) trata-se de manifestações na língua de sinais: nos costumes, nos modos de socialização, na subjetividade, na expressividade, nas formas de resistência à dominação ouvinte e de funcionamento do cognitivo. Para a autora, a “literatura em língua de sinais materializa a cosmovisão surda, isto é, como o surdo vê o mundo, como ele se vê no mundo, como vê os ouvintes”. Daí a possibilidade de usar a arte, nesse caso, a literatura. Temos a literatura como produto cultural. Segundo Facini (2004):

(...) a literatura não é espelho do mundo social, mas parte constitutiva desse mundo. Ela expressa visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais. Essas visões de mundo são informadas pela experiência histórica concreta desses grupos sociais que as formulam, mas são também elas mesmas construtoras dessa experiência. Elas compõem a prática social material desses indivíduos e dos grupos sociais aos quais eles pertencem ou com os quais se relacionam. Nesse caso, analisar visões de mundo e ideias transformados em textos literários supõe investigar as condições de sua produção, situando seus autores histórica e socialmente. (p.25)

É nessa perspectiva que o autor surdo cria sua obra, nessa imersão de valorização e reconhecimento, com a ideia de sujeito diferente, mas não pormenorizado. Essa arte está condicionada a provocar no outro (surdo) a mesma reflexão.

A cultura dominante é que detém o poder de validar as produções artísticas e seria ingenuidade achar que a literatura surda, produto de uma comunidade minoritária, teria seu reconhecimento artístico eminente. São poucas produções é evidente, muito menos ainda, os estudos sobre as mesmas. Mas elas estão aí e é uma realidade. E, com certeza, surgiram com o passar do tempo análises *sine qua non* sobre as produções literárias surdas. É por isso pensamos interessante destacar dentre as teorias literárias uma que mostra dentro seu contexto uma afinidade com literatura surda: a Estética da Recepção.

2 A estética da recepção: conceito e seus elementos

Formulada por Hans Robert Jauss, na Alemanha, mais precisamente na Escola de Constança, a Estética da Recepção propõem a retomada da história da Literatura e confronta-se de imediato com a hegemonia do Estruturalismo. Coloca-se um resgate do aspecto histórico conciliado com a estética. Para os formalistas a dimensão diacrônica era desconsiderada, a obra era autossuficiente em sua própria estética idealista. A proposta de Jauss baseia-se numa pesquisa sobre a recepção da literatura e seus efeitos no leitor. Entra em cena, algo outrora esquecido: o leitor. Bom saber que essa proposta nasce de um momento impar: diálogo entre professores e alunos de uma universidade que contraria o pensamento elitista da academia, até então, formalistas e estruturalistas. Um grupo que reflete o aspecto histórico da literatura. Foi numa aula inaugural, em 1968, que o teórico expõe sua hermenêutica inovadora e estabelece um novo paradigma nos estudos críticos literários. Invés da estética idealista se cria uma nova estética, a da recepção. Propõem-se uma convergência entre o aspecto estético e o histórico. Antes disso, o que se tinha era uma preocupação apenas com as obras e seus autores, marginalizando o terceiro componente do ciclo literário, os leitores. As teorias anteriores restringiam sua compreensão do ato literário apenas no âmbito da estética da representação e da produção, o que consequentemente segregava a dimensão da leitura e do efeito, contraponto enfatizado pela Estética da Recepção. Essa teoria se configura pela intenção de mostrar um ponto de vista diferente da história da literatura baseada na

historicidade da obra literária. Isto é, possibilita a experiência dinâmica dos leitores diante da obra.

Jauss (1979) fundamenta sua teoria a partir de sete teses. São elas:

- Historicidade da literatura; que não se relaciona à sucessão de fatos literários, mas ao diálogo estabelecido entre obra e o leitor (receptor);
- Saber prévio de um público ou o seu horizonte de expectativas, determina a recepção, e a disposição desse público está acima da compreensão subjetiva do leitor;
- A reconstituição do horizonte: o texto pode satisfazer o horizonte de expectativas do leitor ou provocar o estranhamento e o rompimento desse horizonte;
- Propõe examinar as relações atuais do texto com a época de sua publicação, averiguando qual era o horizonte de expectativas do leitor de então e as quais necessidades desse público a obra atendeu;
- O aspecto diacrônico: a recepção da obra literária ao longo do tempo e deve ser analisado no diálogo com as leituras anteriores;
- O aspecto sincrônico: a história da literatura procura um ponto de articulação entre as obras produzidas na mesma época e que provocam rupturas e novos rumos na literatura;
- As relações da literatura com a sociedade: pressupõe uma função social para criação literária, pois devido seu caráter emancipador, abre novos caminhos para o leitor no âmbito da experiência estética.

A partir desse viés, a estética da recepção adota como objeto de investigação o receptor/leitor. Para tanto, é necessário à construção de nova identidade de receptor/leitor. Nessa perspectiva o leitor se transfigura, adquire uma nova roupagem a fim de corresponder seu papel genuíno composto de um conhecimento histórico como de um conhecimento estético. Ele tornar-se-á um receptor/leitor destinatário.

Com ênfase, então, na recepção, o fato literário é descrito conforme sua história de receptividade sistemática ao longo do tempo, adiciona-se o aspecto diacrônico. Essa recepção é identificada como uma parte integrada à estrutura da obra, tanto no aspecto produtivo como no aspecto de consumo, evidenciando o receptor/leitor como parte também textual marcado na obra literária. Diante desse fato, a recepção faz com que a obra transcenda a dimensão estética e considere também a dimensão social. Vejamos a conceituação Zilberman (1989, p.64):

Distinção entre as modalidades de relacionamento entre texto e leitor: um lado, ao consumida, a obra provoca determinado EFEITO sobre o destinatário; de outro, ela passa por um processo histórico, sendo ao longo do tempo recebida e interpretada de maneiras diferentes – esta é sua RECEPÇÃO.

Estabelece-se, então, a partir dessa teoria um relacionamento dinâmico entre autor, obra e leitor. A relação entre literatura e leitor se dá num processo de diálogo, de troca, de reciprocidade.

Além da recepção, outro elemento de destaque dessa teoria é o horizonte de expectativas: é o responsável pela primeira reação do leitor à obra, composto pelo sistema de referências adquirido através da leitura de mundo do leitor. Ele se encontra na consciência individual como um saber construído socialmente e por normas estéticas e ideológicas de um período. O conhecimento desse leitor se forma a partir de leituras anteriores e de oposição entre as linguagens artísticas e formais.

Diante do contato com a obra o leitor pode se satisfazer como o horizonte de expectativas ou se decepcionar. Com esse efeito de empatia ou antipatia se estabelece a distância estética, indicativa do caráter artístico da obra, formulada por Jauss. Segundo ele, se for bem recebida, configura a “arte culinária”, ou seja, uma literatura de massa. Já a quebra o horizonte das expectativas configura ou uma mudança de postura caracterizando a formação de novo público ou a rejeição pura e simplesmente.

É a partir dessas duas possíveis reações, que temos o que chamamos de valoração, isto é, o valor estético da obra. Para o teórico o processo é bem simples, somente com a quebra ou ruptura de expectativas ocorre à distância estética possível para uma análise crítica peculiar. Essa ideia se aproxima do conceito de estranhamento da obra literária da teoria formalista e estruturalista.

Ora se houve uma quebra no horizonte das expectativas, faz-se necessário uma reconstrução. Essa reconstrução dar-se-á através de outro elemento importante dessa teoria: a lógica da pergunta e da resposta. Esse efeito hermenêutico provoca no leitor a formulação de novas ideias e novos conceitos e, conseqüentemente, de uma ampliação da sua visão de mundo. E nesse processo ocorre a emancipação do leitor. Constata-se assim que por a literatura além do seu papel literário tem o seu papel filosófico e, por conseguinte, o papel social.

A literatura provoca um efeito libertador e transformador, o que corrobora a ideia que o conhecimento é poder. E a arte um artifício de mudança e transformação. A comunidade Surda percebendo esse mecanismo se apropria do conhecimento para criar sua “própria” literatura.

3 A relação de afinidade entre a literatura surda e a estética da recepção

Diante das principais correntes críticas de estudo da literatura desenvolvidas no último século e do objeto de estudo aqui abordado: Literatura Surda, verificamos qual delas a relação melhor se a aplicaria. Pois bem, conforme a exposição anterior sobre a Estética da Recepção, trazemos as considerações entre o objeto de estudo e a abordagem teórica, isto é, entre a Literatura Surda e a Estética da Recepção.

A *priori*, fazemos referência ao pensamento de um dos maiores teóricos literários que o Brasil conhece: Antonio Candido. É através de suas ideias, que ora nos embasamos para termos algumas constatações.

Interessante o fato de como surgiu à teoria da estética da Recepção: de um grupo minoritário, professores e alunos, com o desafio de romper com a hegemonia de um paradigma. Essa também é o processo de criação da Literatura Surda: grupo minoritário, surdos, com o desafio de ser fazer respeitar pela diferença, pelo uso de uma língua gestual-visual.

Depois, a dimensão sincrônica e diacrônica formulada pela teoria de Jauss que favorece a literatura surda na análise de sua origem, produção, divulgação e consumo.

Outro aspecto relevante é a importância do leitor, no caso da Literatura Surda, o receptor, que absorverá da arte, o poder de reconstruir um mundo paralelo, e dele ampliar suas expectativas. Por uma obra literária conseguirá reformular conceitos e ideias que facilitará sua luta constante entre aceitação ou não da sua condição.

O empoderamento, aspecto constante nas obras literárias em LIBRAS, é o congruente exemplo do efeito emancipatório retratado na teoria de Jauss. Essa cosmovisão de poder se ver agente de mudança e de transformação.

Candido (2006) diz que:

Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo. As relações entre o artista e o grupo se pautam por esta circunstância e podem ser esquematizadas do seguinte modo: em primeiro lugar, há necessidade de um agente individual que tome a si a tarefa de criar ou apresentar a obra; em segundo lugar, ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a esta circunstância; em terceiro lugar, ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas. (p. 34)

Partindo desse pressuposto, constatamos que sendo a literatura é uma construção social que terá sempre uma ideologia inserida no ato de sua criação. Nessa perspectiva, a obra se completará quando o receptor se senti provocado, ou seja, quando ocorre a interação entre os elementos literários: autor, obra e receptor (leitor).

Na literatura surda o valor social está relacionado à luta contra o preconceito, contra a exclusão, contra a ideia equivocada de inclusão (aquela que tentam igualar os diferentes e acabam esquecendo que os diferentes têm suas maneiras de se igualarem). Acima de tudo, a arte tem um inegável papel social. Ao consideramos, por exemplo, que a LIBRAS só serve para o surdo se comunicar e que não para fazer arte, não compreenderemos o que é Literatura Surda. É importante frisar que com a LIBRAS a comunidade surda simboliza, esconde, pluraliza sentidos; esse é o jogo da arte.

O individuo surdo que tem o poder de produzir arte através de sua própria língua, de reconstruir o seu mundo como melhor o aprouver, ser agente de transformação e ser uma referencial aos demais. E geralmente é isso que acontece.

Diante do que foi exposto, a estética da recepção, portanto, é o instrumental teórico recomendado para fundamentar, a partir dos conceitos de recepção, horizonte de expectativas, distância estética e lógica da pergunta e da resposta, a análise das obras literárias em LIBRAS, isto é, referencial de análise para Literatura Surda.

Partindo do pressuposto que o processo de produção e recepção da Literatura Surda tendo como fator primordial o receptor (surdo ou “simpatizante”), ou seja, baseado nos elementos da estética da recepção é possível delinear o horizonte de expectativas dessa comunidade surda, materializando suas ideologias e seus anseios reproduzidos nas produções literárias e que depois serão reconstruídos em outras expectativas.

Sinto que dentro da dimensão diacrônica ainda falta “maturidade” a Literatura Surda. Talvez por isso não possamos afirmar ou negar precisamente sobre seus pressupostos, o se tem são possibilidades ou, como diria Jauss, expectativas.

Referências

ARAUJO, Fernanda Machado de. **Simetria na Poética Visual na Língua de Sinais Brasileira**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução; orientador, Ronice Muller de Quadros - Florianópolis, SC, 2013.

BATISTA DOS SANTOS, Veronice. **Análise do Poema Despertar do Silêncio, de Shirley Vilhalva**. I Encontro do Grupo de Estudos Interdisciplinares de Literatura e Teoria Literária – MÖBIUS, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul (9ª edição), 2006.

FACINI, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.

JAUSS, Hans Robert. **Estética da Recepção: Colocações Gerais**. In: LIMA, Luiz Costa (Org.) *A Literatura e o Leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KARNOPP, L. B. **Produções culturais de surdos**: análise da literatura surda. Cadernos de Educação (UFPel), v. Ano 19, p. 155-174, 2010.

KARNOPP, L. B. – **Literatura Surda**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, jun. 2009.

MIRANDA, Viviane Marques. **Surdez e identidade**: existe uma cultura surda? São Paulo, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso – FMU – Faculdades Metropolitanas Unidas.

QUADROS, Ronice Müller & SUTTON-SPENCE, Rachel. **Poesia em língua de sinais**: traços da identidade surda – Estudos surdos I / Ronice Müller de Quadros (org.). – [Petrópolis, RJ] : Arara Azul, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e história da Literatura**. São Paulo: Ática (Série Fundamentos), 1989.